

# análise social

número 72-73-74

## a formação de Portugal contemporâneo

1900-1980

volume I



revista do instituto de  
ciências sociais

Temos agora uma ideia global daquilo que une e diferencia o ideário político de *PG* [*Pela Grei*] relativamente ao nacionalismo autoritário. Por um lado, não se vislumbram nesse ideário o culto da violência e da força nem a «revolta» contra o racionalismo liberal, nem tão-pouco princípios anti-semitas, não obstante as ambiguidades mencionadas. Além disso, se é certo que se nos deparam, nas páginas da revista, o «culto da elite», juntamente com ataques aos partidos e ao parlamentarismo, bem como a defesa do Estado «forte» – elementos porventura onerados pela ambiguidade mantida em relação ao sidonismo –, não é menos verdade que, em geral, quer ao nível da «dimensão fundamental», quer ao da «dimensão operativa» da doutrina, se não ultrapassa a fronteira a partir da qual já não é de todo possível falar de liberalismo

<sup>59</sup>. Os diversos segmentos de filiação de *PG* no novo nacionalismo – do anti-individualismo ao socialismo «nacional», passando pelo nacionalismo, o corporativismo e outros elementos mencionados – devem ser avaliados na sua articulação àqueles elementos decisivos, se não quisermos amalgamar os conceitos e as práticas. Mas em tudo isto reside precisamente a ambiguidade global de certo liberalismo «actualizado»: sem aderir ao totalitarismo, ou mesmo a fórmulas «no caminho» do totalitarismo (em sentido lato), dá-lhe, no entanto, sérios argumentos. Na esteira de Umberto Cerroni, definimos noutro lugar, a título meramente indicativo, esta modalidade da modificação estrutural da doutrina liberal como um liberalismo «rendido», ou seja, não uma adesão ao totalitarismo, mas a formulação de perspectivas teóricas que predis põem o liberalismo para acolher o totalitarismo<sup>60</sup>.

Esta, em suma, a «*doutrina republicana positiva*», obliteradora do «negativismo com que se formou a República» – como dizia Sérgio, tão tarde como Abril de 1919<sup>61</sup>. E, talvez porque as forças políticas que encarnavam este «negativismo» regressaram então em pleno ao poder, Sérgio partiu pouco depois

---

<sup>59</sup> Referimo-nos, como é evidente, ao liberalismo actualizado, tal como se desenvolve na era de «capitalismo organizado».

<sup>60</sup> Artigo «Rendição da cultura liberal» in *Análise Social*, n.º 64, 2.ª série.

<sup>61</sup> António Sérgio, «A função do político e a política nacional», in *PG*, n.º 7.

para o Brasil, numa espécie de exílio voluntário, e a revista não mais se publicou. Sublinhe-se que os dois últimos números conhecidos – os 6 e 7, impressos, respectivamente, a 18 de Março e a 20 de Maio de 1919 – só tiveram praticamente dois colaboradores: Ezequiel de Campos e o próprio Sérgio. Poucas semanas antes, em finais de Janeiro, um outro colaborador, Raul Proença, subira de armas na mão a Monsanto, ao assalto do bastião monárquico revoltado.

**“A revista *Pela Grei* (doutrina e prática políticas)”, Fernando Farelo Lopes, *Análise Social*, vol. XVIII (72-73-74), 1982, p. 772.**